



A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2022): Uma análise a partir das publicações da CEPAL

Acson Gusmão Franca^I

Resumo

O início da pandemia do novo coronavírus, em março de 2020, trouxe uma série de consequências para as economias mundiais, resultando em uma crise econômica e social de grandes proporções. Para os países da América Latina e Caribe, que estão em uma posição mais vulnerável, a mesma gerou inúmeros impactos atingindo, sobretudo, as camadas menos favorecidas. Isto posto, o presente artigo buscou revisitar a crise provocada coronavírus, no período 2020-2022, com intuito de discutir como a mesma atingiu esses países. Para tanto, foram analisados alguns documentos produzidos pela CEPAL e publicados no Observatório Covid e outras bibliografias que discutiram a temática, seguindo a mesma perspectiva. Os resultados obtidos com o estudo nos revelaram como essa crise afetou negativamente o dinamismo dessa região, gerando uma piora nos índices analisados. Diante disso, torna-se necessária a atuação estratégica do Estado, por meio do planejamento e redirecionamento dos investimentos, política fiscal etc.

Palavras-chave: Covid-19; CEPAL; Desenvolvimento; América Latina; Caribe.

Código JEL: N1; N16; O1.

^I Doutorando em Economia pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ).

E-mail: acson_franca@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-4303-2251>



The COVID-19 Pandemic and Its Economic and Social Impacts in Latin America and the Caribbean (2020-2022): An Analysis Based on ECLAC Publications

Abstract

The start of the new coronavirus pandemic, in March 2020, brought a series of consequences for world economies, resulting in an economic and social crisis of large proportions. For the countries of Latin America and the Caribbean, which are in a more vulnerable position, it generated numerous impacts, affecting, above all, the less favored groups. That said, this article sought to review the crisis caused by the coronavirus, in the period 2020-2022, with the aim of discussing how it affected these countries. To this end, some documents produced by CEPAL and published in the Covid Observatory and other bibliographies that discussed the topic were analyzed, following the same perspective. The results obtained from the study revealed how this crisis negatively affected the dynamism of this region, generating a worsening in the analyzed indices. In view of this, strategic action by the State becomes necessary, through planning and redirection of investments, fiscal policy etc.

Keywords: Covid-19; ECLAC; Development; Latin America; Caribbean.

Introdução

A pandemia provocada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, anunciada em março de 2020 pelo diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom, trouxe profundas mudanças para a vida em sociedade. Diante de um novo cenário marcado pela propagação do vírus para os diferentes continentes do globo e pelo aumento repentino do número diário de mortes, novos protocolos e recomendações¹ propostas pelas órgãos competentes ganharam espaço e notoriedade na esfera social, “como forma de preservação de vidas mediante a redução do pico de incidência da doença” (Trece, 2020, p. 19).

Essas medidas foram adotadas num primeiro momento, para que os sistemas de saúde dos países mundiais não colapsassem e, assim, milhares de vidas pudessem ser salvas, por meio de um tratamento médico imediato e adequado. Em seguida, novos protocolos foram estabelecidos, os quais tiveram que serem seguidos à risca pela população até o início do processo de vacinação (Sen-crowe; Mckenney; Elkbili, 2020). Aliado a isso, a insuficiência de um conhecimento científico relacionado a doença e à efetividade dessas medidas propostas, somado à sua alta velocidade de



transmissão e capacidade de causar mortes em grupos vulneráveis, instaurou um clima de pânico global (Werneck; Carvalho, 2020).

Apesar de serem consideradas necessárias nessa etapa, haja vista os seus possíveis benefícios, a adoção dessas primeiras medidas “emergenciais” também gerou para essas economias inúmeras consequências, em termos econômicos, tais como: queda na oferta e na demanda de determinados bens, redução das expectativas de crescimento e da geração de emprego e renda, dentre outros. Por conseguinte, ocorreu um aumento das incertezas da população e das empresas, com relação à duração da pandemia, uma vez que num primeiro momento não haviam vacinas conhecidas, nem medicamentos eficazes capazes de combater o vírus, o que reduziu as expectativas de investimentos futuros em várias áreas, sobretudo, naquelas em que a sua participação era determinante (Trece, 2020).

Assim, teve início uma nova recessão econômica mundial², com implicações diretas e indiretas nas áreas da saúde, educação, transportes, cultura, lazer etc.,. Nessa fase de crescente instabilidade, insegurança e, conseqüentemente, de busca por respostas e por possíveis caminhos a serem seguidos pelas economias para a recuperação econômica, diversas pesquisas sobre a pandemia da covid-19 foram realizadas no Brasil e no mundo, à luz de perspectivas distintas.

Algumas destas utilizaram uma abordagem marxista, por exemplo, para mostrar como a pandemia da covid-19 contribuiu, não apenas para o crescimento do desemprego e da informalidade, mas, sobretudo, para o aumento da exploração da força de trabalho daqueles que permaneceram em seus postos de trabalho, inseridos na nova modalidade “home office”³. Outros trabalhos se basearam nas publicações de Hyman Minsky e de autores da escola pós-keynesiana, para mostrar a crescente fragilidade financeira das economias globais que ocorreu nesse ínterim, em virtude do aumento da oferta de crédito e do pagamento de altos juros. Segundo essas pesquisas, nessa fase as economias tiveram que assumir posições mais arriscadas (Ponzi) para tentar reduzir seus altos níveis de endividamento⁴, o que intensificava ainda mais a vulnerabilidade das mesmas.

Esse ensaio, porém, ainda que aborde indiretamente questões apresentadas por essas duas escolas de pensamento supracitadas e de outras vertentes, se concentrará nos documentos produzidos pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)⁵ no período 2020-2023 e publicados no *Observatório Covid-19*⁶. Estes, por sua vez, assumem grande relevância no cenário atual, por discutir as consequências desse processo para essa região especificamente, levando em conta as suas condições históricas-estruturais e a influência destas na sua dinâmica interna nesse período atípico.

Pensando nisso, o presente ensaio se propõe a analisar os impactos econômicos e sociais da crise causada pela pandemia de COVID-19 na América Latina e no Caribe, de modo a evidenciar como a mesma afetou o

A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2022): Uma análise a partir das publicações da CEPAL

subdesenvolvimento dessas economias nessa fase especificamente (2020-2022), dada às suas condições específicas de produção e de inserção no comércio internacional. A proposta versa se concentrar nesse período em questão pelo fato do mesmo constituir o momento de ápice da pandemia; fase em que as nossas debilidades estruturais ficaram mais evidentes. Nesse sentido, o mesmo está organizado em duas seções, sendo que a primeira discute esses impactos, tendo como referência algumas variáveis, como: número de óbitos, comércio internacional, PIB, taxa de desemprego, inflação, pobreza e risco soberano. Na segunda parte serão apresentadas algumas perspectivas existentes para região, haja vista as medidas propostas pela Comissão, as quais já estão sendo implementadas nessas economias, sob a orientação do Estado. Além disso, alguns resultados já alcançados também serão evidenciados, ainda que de forma incipiente, já que tais medidas determinadas ainda estão em processo de execução e, por isso, perdurarão pelos próximos anos vindouros.

Para a realização do objetivo supracitado será utilizado como principal procedimento metodológico uma revisão bibliográfica, baseada nos documentos (relatórios, resumos, panoramas, tabelas de dados, projeções,) disponibilizados no Observatório Covid-19 e outras publicações encontradas no repositório da CEPAL. De maneira complementar a isto, esse estudo também se apoiará em outros trabalhos mais recentes de outros autores, que discutiram temática, seguindo a mesma perspectiva. Em linhas mais gerais, através desses estudos, a CEPAL conseguiu, não apenas captar os impactos da pandemia nessa região, como outros autores também o fizeram, mas se concentrou em discutir as particularidades existentes, os desafios impostos por essa crise às economias periféricas e, sobretudo, definir novas estratégias a serem adotadas por essas economias nos próximos anos.

Os impactos econômicos e sociais da pandemia na América Latina e Caribe

De acordo com o primeiro relatório apresentado pela CEPAL, em abril de 2020, os países da América Latina e Caribe seriam atingidos de maneira mais perversa por essa crise, uma vez que os mesmos se encontram em uma posição mais “fraca” do que o resto do mundo. Ou seja, por possuírem uma estrutura produtiva heterogênea e especializada, bem como uma elevada desigualdade social e outras especificidades⁷, as implicações desse processo para a população mais vulnerável, como: pessoas com problemas de saúde, idosos, desempregados, mulheres, desprotegidas e migrantes etc., seriam maiores e mais evidentes (CEPAL, 2020a).



Isto posto, uma análise pautada em alguns índices poderá corroborar essa vulnerabilidade, de forma a nos revelar como uma crise sanitária, humana e econômica sem precedentes na história comprometeu a vida da população e o dinamismo dessas economias, criando efeitos multiplicadores nos setores econômicos e nas diferentes esferas existentes. De antemão, será apresentado o número de óbitos por COVID – 19 registradas no mundo, como forma de estabelecer uma comparação entre as regiões acometidas pelo vírus em questão.

Tabela 1 – Número de óbitos causadas por COVID-19 por região (15/07/2022)

Região	Óbitos por Covid	Porcentagem de óbitos/em proporção das mortes no mundo	População (Janeiro de 2022)	Mortes por Covid por cada 1000 hab.
América Latina e Caribe	1.713.000	25,28	660.271.073	2,59
Europa	2.283.000	33,69	750.583.898	3,04
Ásia	1.442.000	21,28	4.721.182.693	0,30
América do Norte	1.066.000	15,73	601.219.269	1,77
África	256.000	3,77	1.393.359.947	0,18
Oceania	14.700	0,02	43.733.573	0,33
Mundo	6.774.700	100	8.170.350.453	0,82

Fonte: Elaboração própria com base nas informações disponibilizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e Reuters (Covid-19, 202). Nota: Esses dados apresentados foram coletados, tendo como referência a data de 15/07/2022.

De acordo com a tabela 1 até julho de 2022, a região da América Latina e Caribe ocupava a segunda posição no ranking do número óbitos (1.713.000) por COVID-19 registrados no mundo (6.774.700)⁸ ficando atrás apenas da Europa (2.283.000). Por outro lado, as regiões da África e Oceania se mantiveram como aquelas com o menor número de óbitos, os quais corresponderam respectivamente a 3,77 e 0,02% do total. Apesar de uma suscetível redução desse número em algumas economias mundiais no ano de 2022, até o mês de dezembro do ano anterior, a região da América Latina e Caribe concentrava o maior número de vítimas da doença (1.545.956), superando, inclusive a Europa (1.410.425). Segundo a OMS (2021), a nível regional, o Peru a referida data o país latino-americano com o maior número de mortes, para cada 1.000 habitantes (6 óbitos), seguido pelo Brasil (2,89), Argentina (2,57), Colômbia (2,53), México (2,30), Paraguai (2,30) e Chile (2,03)⁹.

Em termos relativos, no que refere ao número de óbitos por 1.000 habitantes, a região se manteve até a data de coleta (julho/2022) na segunda posição (2,59

A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2022): Uma análise a partir das publicações da CEPAL

óbitos), seguida da América do Norte (1,77), Oceania (0,33), Ásia (0,30) e África (0,18). Essa letalidade do vírus nas economias periféricas está relacionada às suas limitações econômico-sociais, como a debilidade dos sistemas de proteção social, e à forma como a pandemia foi enfrentada em cada um deles, o que provocou uma lentidão no processo de vacinação, fazendo aumentar a transmissibilidade, gravidade das infecções e número mortes (Abramo; Cecchini; Ullmann, 2020)¹⁰.

Entretanto, é importante ressaltar que ocorreu no ano de 2022 uma queda considerável no número de mortes nessa e em outras regiões do mundo, em virtude do avanço no processo de vacinação contra a COVID-19. Tal fato evidencia que, a despeito das críticas existentes quanto à sua eficácia e aos chamados “efeitos colaterais”, as vacinas constituem a principal ferramenta de controle para a crise sanitária, social e econômica desencadeada pelo referido vírus (PAHO, 2021).

Uma vez conhecida a letalidade do vírus nos diferentes continentes, torna-se necessário discutir os impactos da pandemia na esfera econômica. Assim, tal análise partirá do comércio internacional, variável chave para compreender como essa conjuntura influenciou no volume das exportações e importações de bens, e, por conseguinte, no saldo da balança comercial da América Latina e do Caribe.

Tabela 2 - América Latina e Caribe: Exportações e Importações de bens 2018-2022 (milhões de dólares)

	2018	2019	2020	2021	2022
Exportações	1.091.383	1.063.616	959.693	1.222.615	1.435.145
Importações	1.087.699	1.050.971	889.964	1.214.734	1.456.946
Saldo da Bal. Comercial	3.684	12.645	69.729	7.881	- 21.801

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pela (CEPAL, 2023e).

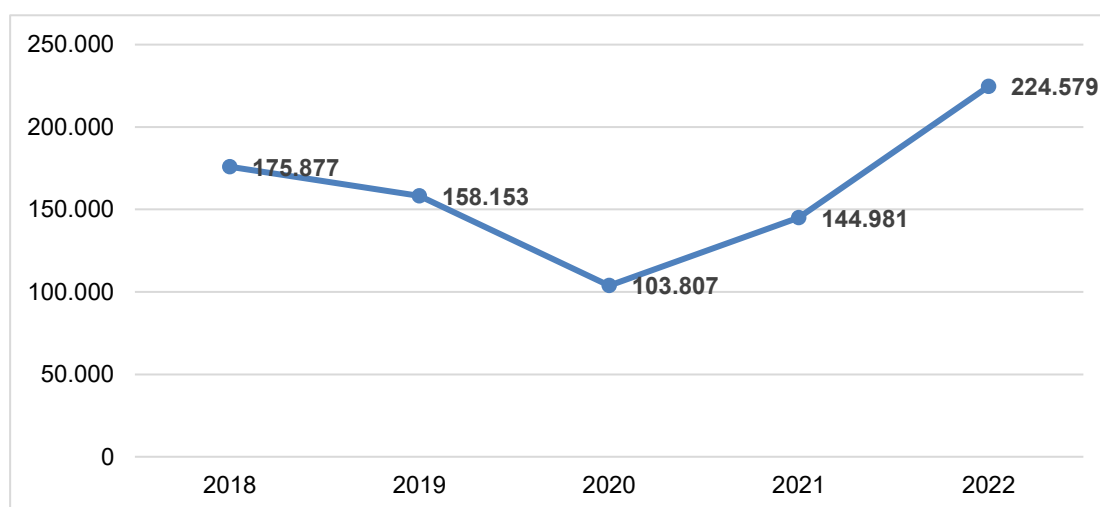
Apesar de obter um superávit na balança comercial nos anos de 2018, 2019, 2020 e 2021, como aponta a tabela 2, a contração do comércio mundial que sucedeu com a pandemia reduziu a demanda externa dos bens primários produzidos por esses países, ocasionando, no ano de 2020, uma queda de 9% no valor das exportações (US\$ 103.923) e de 15% no valor das importações (US\$ 161.007), em comparação ao ano anterior. Essa retração poderia ter sido ainda maior, porém, a recuperação dos preços das *commodities* no mercado internacional, que ocorreu a partir do segundo semestre do ano de 2020, ajudou a conter esse movimento de queda nas exportações, impedindo que a tendência de desintegração comercial e produtiva se agravasse nessas economias periféricas, trazendo consequências ainda piores (CEPAL, 2022b).



De acordo com o Banco Mundial, impulsionados pela guerra na Ucrânia¹¹, e por outros aspectos externos, os preços de alguns produtos primários desses países alcançaram patamares superiores aos observados na crise de 2008, “alguns até atingiram máximas históricas desde que a série de preços existiu, como produtos agrícolas (alimentos) e metais não preciosos e minerais” (World Bank, 2023, p. 2). A partir do ano de 2021, essa tendência começou a mudar, por conta da retomada das atividades econômicas e de outras medidas propostas, o que resultou no crescimento das exportações e importações; essa última em maior magnitude. Como consequência, o saldo na balança comercial brasileira, que anteriormente era superavitário, apresentou no ano de 2022 um déficit no valor de U\$\$ 21.801.

Por conta dessa contração que ocorreu no comércio internacional e, sobretudo, pela queda nas expectativas de lucratividade dos investimentos externos realizados nas periferias em determinados setores na fase de auge da pandemia (2020), houve uma redução da entrada de Investimento Direto Estrangeiro (IED) na região da América Latina e Caribe, num primeiro momento, e um movimento de retomada e crescimento fase posterior, como mostra o gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 - América Latina e Caribe: investimento estrangeiro direto recebido, 2018-2022 (Em milhões de dólares)



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados disponíveis em CEPAL (2023c).

De acordo com o gráfico 1, o ingresso de IDE na região, que já enfrentava um processo de redução desde o ano de 2018, sofreu uma queda ainda maior nesse período, reduzindo da casa dos 158 milhões de dólares, em 2019, para uma média de 103 bilhões, em 2020¹². No ano seguinte ocorreu uma lenta recuperação nesse índice, de maneira que essas entradas alcançaram o total de quase U\$\$ 145 milhões, porém esse crescimento não foi suficiente para atingir os níveis de investimento pré-pandêmicos, o que só ocorreu no ano de 2022. No referido ano, a região recebeu



A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2022): Uma análise a partir das publicações da CEPAL

um total de U\$\$ 224.579, um valor 55,2% superior ao que foi registrado no ano de 2021 e o mais elevado desde o período em que se começou a registrar esse índice. “Cabe ressaltar que desde 2013, os fluxos anuais de IDE na região não ultrapassaram os 200 milhões de dólares, o que torna a recuperação ocorrida em 2022 em um marco importante para os investimentos na última década” (CEPAL, 2023c, p. 26).

Apesar da queda pouco acentuada sucedida no momento de pico da pandemia de Covid-19, o investimento estrangeiro não perdeu sua importância para essas economias, segundo a CEPAL. Ou seja, continuou a atuar como complemento do investimento nacional, fonte de novos capitais e na expansão de atividades exportadoras, na indústria automotiva, segmentos da economia digital e de outros setores, como a indústria farmacêutica e de dispositivos médicos (CEPAL, 2020b). A área de fármacos, por exemplo, tida como um das mais estratégicas para a América Latina e o Caribe, devido a relevância em duas áreas centrais para o desenvolvimento socioeconômico da região e a conquista dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ganhou maior notoriedade nesse ínterim por dois motivos: “i) seu impacto na saúde pública nesse momento de pandemia e ii) sua importância como setor industrial de base tecnológica, com grande potencial de criação de competências, valor, emprego e atração de investimentos” (CEPAL, 2021b, p. 6).

Em suma, a redução desses dois índices apresentados, ambos essenciais para indústria e para o crescimento dos países da América Latina e Caribe, aliado a outros fatores internos (como a volatilidade cambial, aumento do risco soberano¹³), contribuiu para que ocorresse uma queda na soma dos bens e serviços produzidos desde então. Assim, o Produto Interno Bruto (PIB) total dessa região enfrentou um processo de queda, como pode ser observado na tabela 3.

Tabela 3 – América Latina e Caribe: PIB bruto (2018-2022)

Ano	Valor Bruto (U\$\$ milhões)	Variação Anual
2018	5.475.378	-
2019	5.324.107	-0,1
2020	4.508.915	-6,8
2021	5.095.505	6,8
2022	5.807.729	3,8

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pela CEPAL (2023b). Nota: Esses valores apresentados na segunda coluna constituem os valores nominais (brutos), sobre a base de cifras oficiais.



Nesse sentido, é possível observar na tabela acima, que o choque econômico causado pela pandemia do COVID-19 causou uma diminuição de U\$\$ 815.192 milhões no valor bruto do PIB da região, no ano de 2020, o que representou uma queda considerável de 6,8%, em relação ao ano anterior (2019). Entre os países, as quedas mais significativas apontadas pelo relatório da CEPAL ocorreram na Venezuela (-29,8), Bahamas (-24,6) e na Antígua e Barbuda (-20,2). No Brasil, o PIB bruto apresentou uma queda de 3,9¹⁴. A partir de 2021, quando a economia dessa região dava sinais de retomada, haja vista as políticas macroeconômicas adotadas, o PIB cresceu aproximadamente 6,8%, atingindo um valor próximo aquele do ano de 2019, isto é, ao da fase anterior a pandemia. No ano seguinte, o crescimento dessa região foi superior ao esperado (3,8%), devido a alguns fatores já mencionados aqui, mas, principalmente, à elevação dos preços das commodities, como afirma a Cepal no documento, *Perspectivas del Comercio Internacional de América Latina y el Caribe* (2022), de 2023:

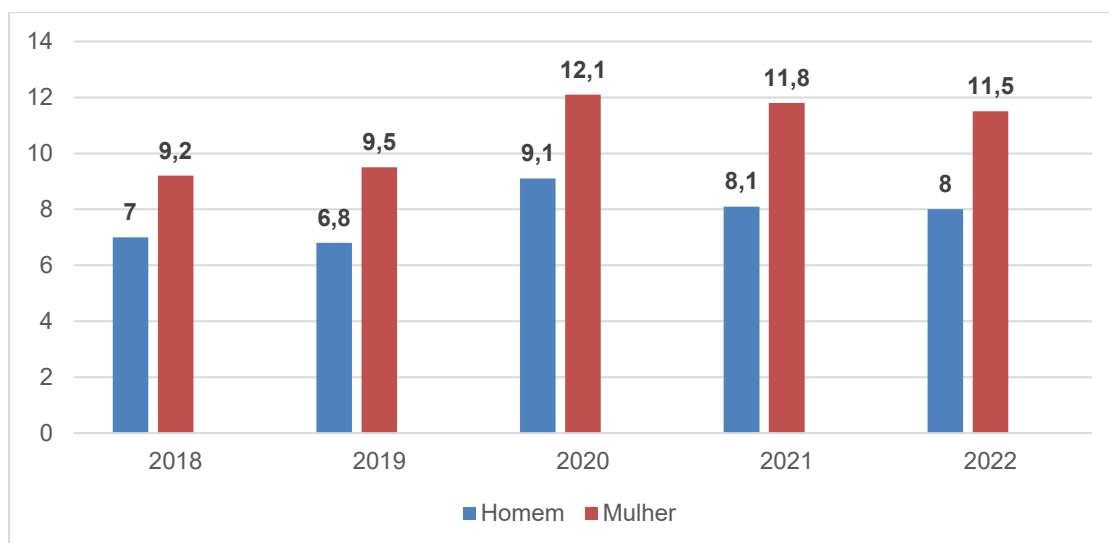
No período entre janeiro e agosto de 2022, o índice de preços dos principais produtos básicos exportados pela região tiveram aumento de 29,8% em comparação com o mesmo período de 2021, o que se deveu principalmente ao aumento da 68,1% no índice de preços dos produtos energéticos. Por seu lado, o índice dos produtos agrícolas e agrícolas registou uma expansão de 20,9% (CEPAL, 2023e, p. 68).

É importante observar que no momento de maior vulnerabilidade econômica e social, isto é, no período 2020-2021, as expectativas de investimento, produção e consumo despencaram, de maneira a gerar o fechamento de inúmeras empresas, o que reduziu assim a soma dos bens e serviços produzidos por esses países, como mostrou a tabela acima. **“A crise afetou gravemente as estruturas produtivas e o mercado de trabalho: mais de 2,7 milhões de empresas fecharam e o número de desempregados aumentou para 44,1 milhões”** (CEPAL, 2020a, p. 1). Assim, essa região que já apresentava um baixo crescimento econômico; em média 0,3% no período de 2014-2019, e especificamente em 2019 uma taxa de 0,1%, viu essa taxa despencar 6,8% no ano seguinte, criando impactos multiplicadores (CEPAL, 2020a).

Nessa esteira de determinações, a pandemia também teve um impacto severo no emprego, refletido na clara redução no número de novas contratações, e sobretudo, no aumento do desemprego na América Latina e Caribe (gráfico 2), ambos causados pela desaceleração da atividade econômica nesses países. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2021), a região foi aquela que enfrentou a maior perda de horas de trabalho do mundo desde o primeiro semestre de 2020.

A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2022): Uma análise a partir das publicações da CEPAL

Gráfico 2 - América Latina e Caribe: taxa de desemprego, por sexo (2018–2022)



Fonte: Elaboração própria, com base nas informações disponíveis em CEPAL (2023c).

Conforme o gráfico 2, nos anos que antecedem à pandemia, a taxa de desemprego nessa região já oscilava, sendo maior entre as mulheres. No ano de 2020, a taxa de desemprego masculina que era de 6,8%, em 2019, subiu para 9,1%; enquanto que a feminina teve um crescimento superior, saltando de 9,5%, para 12,1%. Nos anos seguintes (2021 e 2022) houve uma queda nesse índice, haja vista o crescimento das novas contratações. Ainda assim, essa diferença permanece e evidencia como a pandemia acarretou um aprofundamento da desigualdade de gênero no mercado de trabalho desses países, em que a maioria das mulheres trabalha em setores e ocupações subestimados e desvalorizados, o que afeta diretamente os seus salários e as condições de trabalho que lhes são oferecidas¹⁵.

Concomitantemente a esse aumento nas taxas de desemprego, característico desse momento de crise, intensificou-se o ritmo de crescimento do nível geral de preços nas economias da América Latina e do Caribe (tabela 4), isto é, o IPCA, que mede a inflação. De fato, tal aumento atingiu a maior parte dessas economias, porém, em magnitudes diferentes, como pode ser observado a seguir.



Tabela 4 - América Latina e Caribe: taxas de variação ano a ano do índice de preços ao consumidor (IPCA), dezembro 2019 à dezembro (2022) (porcentagens) *.

Região/país	Dez/2019	Dez/2020	Dez/2021	Dez/2022
Amér. Lat e Caribe	3,1	3,0	7,6	5,4
América do Sul	3,3	3,0	8,1	7,3
Bolívia	1,5	0,7	0,9	3,1
Brasil	4,3	4,5	10,0	5,8
Chile	3,0	3,0	7,2	12,8
Colômbia	3,8	1,6	5,6	13,1
Equador	-0,1	-0,9	1,9	3,7
Paraguai	2,8	2,2	6,8	8,1
Peru	1,9	2,0	6,4	8,5
Uruguai	8,8	9,4	8,0	8,3
Amer. Cent e México	2,7	3,0	6,0	8,0
Costa Rica	1,5	0,9	3,3	7,9
Cuba	1,3	18,5	77,3	39,1
Rep. Dominicana	3,7	5,6	8,5	7,8
El Salvador	0,0	-0,1	6,1	7,3
Guatemala	3,4	4,8	3,3	9,2
Honduras	4,1	4,0	5,3	9,8
México	2,8	3,2	7,4	7,8
Nicarágua	6,5	2,6	7,3	11,3
Panamá	-0,1	-1,6	2,6	2,1
Caribe	3,4	2,2	5,5	8,4
Antígua e Barbuda	0,7	2,8	1,2	9,2
Barbados	7,2	1,3	5,0	12,5
Belize	0,2	0,4	4,9	6,7
Guiana	2,1	1,3	5,7	7,2
Jamaica	6,2	4,5	7,3	9,3
Trinidad e Tobago	0,4	0,4	3,5	8,7
Argentina	52,9	34,1	51,4	95,2
Haiti	20,8	19,2	24,6	48,1
Suriname	4,2	60,7	60,7	54,6
Venezuela (Rep. Bolívia)	9 585,5	2 959,8	686,4	234,1

Fonte: CEPAL (2021a; 2023a). Nota: Médias regionais e sub-regionais foram ponderadas pelo tamanho da população. As médias regionais e subregionais não incluem dados para economias com problemas crônicos de inflação (Argentina, República Bolivariana da Venezuela, Haiti e Suriname).

A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2022): Uma análise a partir das publicações da CEPAL

Com base na tabela 4 é possível observar que a taxa de inflação média na região sofreu uma pequena queda no ano de 2020, mas voltou a crescer no ano seguinte, alcançando a marca de 7,6% em dezembro do ano de 2021. Os países que enfrentaram os aumentos mais significativos nesse período (2020-2021) estão localizados na América Central e México e na América do Sul. Desses países que compõem o segundo grupo, o Brasil se manteve como aquele em que a inflação mais aumentou nesse período, saindo da marca de 4,3%, em 2019, para 10%, em dezembro de 2021. Sobre esse recrudescimento inflacionário, Araújo (2023, p. 20) salienta:

Na economia brasileira, a inflação encerrou o ano de 2020 em 4,5%, já em processo de aceleração. Em dezembro de 2021 já estava em 10%, e continuou a se acelerar até abril de 2022. A voracidade deste processo inflacionário só é similar à ocorrida em 1999 quando, após a mudança do regime cambial, a inflação passou de 1,6% em 1998 para 8,9% em 1999. Nos anos de 2002 e 2015 também ocorreram processos inflacionários intensos, mas nesses dois casos o patamar inicial de inflação oscilava em torno de 6 a 7% no acumulado em 12 meses.

Por outro lado, entre os países não incluídos nessas médias, na Argentina a inflação reduziu de 52,9%, para 34,1% em 2020, mas voltou a crescer nos anos seguintes, chegando ao patamar de 95% em 2022. Na República Bolivariana da Venezuela esse índice atingiu 9.585%, em 2019, porém, caiu para 686,4% e 234,1% nos anos de 2021 e 2022. A partir do ano de 2022 a taxa de inflação média sofreu uma redução significativa na região da América Latina (-2,2 pontos percentuais) como um todo, porém, a mesma se manteve alta nas regiões da América Central e do Caribe, alcançando respectivamente as taxas de 8,0 e 8,4%.

Em um documento produzido no ano de 2021, *Pesquisa Econômica da América Latina e Caribe*, a CEPAL afirmou que, por conta da grande contração da demanda agregada interna, a inflação se manteve nessa região em níveis mais baixos no ano de 2020. Ou seja, mesmo sofrendo variações no primeiro semestre, no mês de dezembro do referido ano a inflação média nas economias da América Latina e Caribe foi de 3,0%, o que corresponde a 0,1 pontos percentuais menor do que em 2019. No entanto, em dezembro do ano seguinte, a inflação média já alcançava um alto patamar (7,6%). E isso se deu em virtude de um conjunto de fatores, tais como: o crescente endividamento externo, o aumento da participação dos passivos a taxas variáveis, a excessiva exposição às flutuações dos preços internacionais das matérias-primas, em um contexto internacional de extrema fragilidade, os quais juntos exerceram uma pressão intensa sobre as taxas de câmbio dos países dessa região via saída de capitais, alimentando ainda mais a recente dinâmica de preços (CEPAL, 2022d).



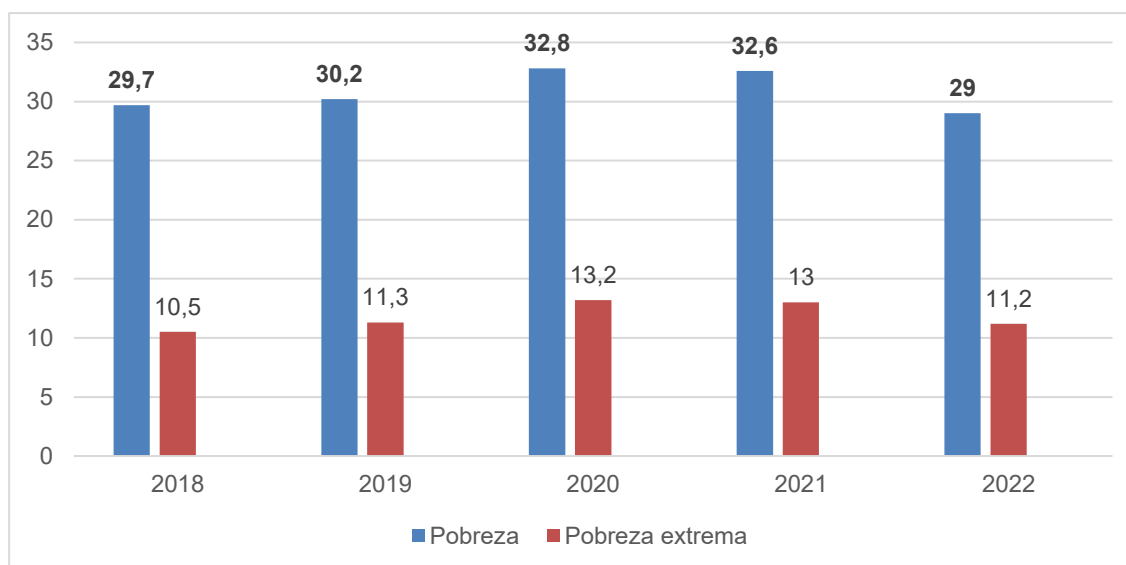
Esse aumento da volatilidade cambial é refletido na desvalorização das moedas de algumas economias da América Latina e Caribe, a qual ocorreu durante esse episódio de caráter sistêmico¹⁶, afetando a esfera econômica de forma mais intensa. As flutuações que sucederam nos mercados de trabalho da região (gráfico 2), resultantes das flutuações que também ocorreram na atividade econômica (comércio internacional, fluxos de IDE, PIB), estão intimamente relacionadas a essa volatilidade. No caso da economia brasileiro, taxa de câmbio do real em relação ao dólar é uma das mais voláteis do mundo, como apontam Mello, Conti e Rossi (2019, p. 181):

Essa grande volatilidade do real frente a outras moedas traz consigo uma série de consequências negativas, tanto para o setor produtivo, quanto para a estabilidade de outras variáveis macroeconômicas. Compreender as razões da volatilidade cambial da moeda brasileira, assim como os mecanismos para estabilizar a taxa de câmbio em patamares competitivos, é um dos grandes desafios para qualquer agenda de desenvolvimento nacional.

De acordo com Bhattacharya *et al.* (2022), esse processo inflacionário, característico do biênio 2021-2022, impactou de forma mais direta nos salários reais, causando uma queda do poder de compra dos trabalhadores. Para a população desempregada ou aquela que exerce atividades no mercado informal isso afetou as suas condições de subsistência de tal maneira, que a maior parte desta não conseguiu mais comprar os itens que compõem a cesta básica. Assim, cresceu o número de pessoas vivendo em situação de pobreza e extrema pobreza na região (gráfico 3), de modo que muitas dessas economias voltaram ao mapa da fome com maior intensidade.

A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2022): Uma análise a partir das publicações da CEPAL

Gráfico 3 - América Latina: taxas de pobreza e pobreza extrema 2018-2022 (em porcentagens).



Fonte: Elaboração própria, a partir de informações disponíveis em CEPAL (2023a).

De acordo com os dados apresentados no gráfico 3, no ano de 2018 do total da população da América Latina 29,7% vivia em situação de pobreza. Nos anos de 2020 e 2021, fase em que ocorreu uma rápida redução nas fontes de renda da população e um aumento da sua vulnerabilidade, devido a pandemia de covid-19, esse percentual cresceu para 30,2 e 32,8%. Com relação à pobreza extrema, esse percentual também aumentou saindo de 10,5%, em 2018, para 13,2%, em 2020¹⁷. Segundo a CEPAL (2023d), a partir do ano de 2022, a fase de recuperação econômica gerou um aumento nos rendimentos do trabalho e da renda total dos domicílios na maioria dos países dessa região, de forma a reduzir esses dois índices.

Esses aspectos discutidos até o presente momento nos revelam como a pandemia e seus impactos mais diversos criou uma situação de instabilidade econômica e social nesses países, o que contribuiu para o aumento de um índice pouco conhecido, mas de extrema relevância nesse contexto em questão: o “risco soberano” (tabela 5). Este indicador mede o *spread* entre a taxa de juros dos compromissos de dívida de um país em relação ao dos Estados Unidos. Assim, quanto maior for esse índice, menor a sua capacidade de honrar seus compromissos e maior a sua fragilidade e vulnerabilidade externa (Cepal, 2022e).



Tabela 5 – América Latina: Risco soberano (2019-2022)

País	31/12/19	21/12/20	31/12/21	31/12/22
Argentina	1.744	1.368	1.688	2.196
Bolívia	218	481	412	563
Brasil	212	250	306	258
Chile	135	144	153	140
Colômbia	161	206	353	369
Equador	826	1.062	869	1.425
México	292	361	347	386
Panamá	114	149	187	215
Paraguai	203	213	229	200
Peru	107	132	170	194
Uruguai	148	135	127	91
Venezuela	14.740	24.099	55.310	44 840
América Latina	346	354	381	416

Fonte: CEPAL (2022a).

Conforme indica a tabela 5, entre dezembro de 2019 a dezembro de 2022, houve um aumento do risco soberano da região da América Latina, o que afugentou os capitais dessa região, haja vista a sua maior vulnerabilidade, como pode ser observado no gráfico 1. Países como Argentina, Equador e Venezuela, apresentaram as maiores taxas de crescimento para o índice, sendo que nesse último, em 2021 o mesmo chegava a 55.310¹⁸ pontos base. No Brasil, esse índice cresceu, porém, em uma menor magnitude, quando comparado a outras economias mais vulneráveis. Em dezembro de 2022, o risco soberano brasileiro era de 258 pontos.

Em suma, o aumento do risco soberano interfere negativamente na entrada de investimentos externos nesses países. No caso dessas economias atingidas de forma mais intensa pela pandemia de covid-19, como a nossa, isso provocou uma queda no financiamento externo, de modo a dificultar a realização das medidas de recuperação propostas pelos governos dessas economias.

A partir de meados do ano de 2022, quando essas economias já davam sinais de recuperação, o referido índice reduziu em alguns países, o que atraiu capitais externos para os setores considerados mais lucrativos. Em dezembro do referido ano, em países como: Brasil, Chile, Paraguai, Peru, Uruguai, esse índice já estava em um patamar próximo a fase anterior a pandemia, o que representou o início de uma estabilidade. Isto posto, fica evidente como esse índice estabelece uma conexão direta com as políticas macroeconômicas, inflação e outros índices internos.

Os caminhos para a retomada do crescimento: perspectivas e desafios

Apesar de enfrentar nesse período supracitado uma queda nos seus índices econômicos e sociais, fruto dessa crise pandêmica, as expectativas existentes para **essa região apontaram inicialmente para uma fase de “recuperação” no dinamismo** dessas economias. Alguns dados referentes aos anos de 2021-2022 e outras projeções apresentadas por algumas pesquisas para os anos posteriores confirmaram essa informação, como podem ser observados nos novos relatórios produzidos pela CEPAL e publicados recentemente no *Observatório Covid*.

A CEPAL estimou, que com a retomada das atividades no setor primário e na indústria, as economias da América Latina e do Caribe voltariam a crescer em 2022 a taxa de 3,7% (pouco mais da metade da taxa de 6,7% registrada em 2021), de maneira a provocar uma melhora em alguns índices econômicos, como: balança comercial, entrada de IDE, taxa de desemprego, IPCA, dentre outros. Nesse sentido, ocorreu de fato um aumento no quantum das exportações e importações realizadas pela região no período 2021-2022, como indicou a tabela 2. Porém, o saldo da balança comercial que no período anterior a pandemia era superavitário reduziu tornando-se deficitário no ano de 2022 (U\$\$ 21.801). Isso representou um problema a ser solucionado pelas políticas macroeconômicas do Estado na atual conjuntura, dado os impactos desse endividamento na dinâmica interna.

Com relação a entrada de IDE, a Comissão acredita que as necessidades de financiamento externo para o ano de 2023 só seriam atendidas, caso a região com um todo recebesse por volta de 571.000 milhões de dólares, ou seja, de recursos externos. Essa quantia seria necessária para que esses países pudessem realizar algumas medidas imediatas, como o **“pagamento de compromissos de dívida externa por um valor de aproximadamente 462.000 milhões de dólares, bem como financiar um déficit na conta corrente do saldo de pagamentos que se estima em uns 109.000 milhões de dólares”** (CEPAL, 2022a, p.14).

No que se refere à taxa de desemprego, o que se observou até o presente momento foi uma queda nesse índice nos anos 2021-2022, como apontou o gráfico 2. A taxa de desemprego masculina, que era de 12,1% em 2020, caiu para 11,8% e 11,5%, nos anos de 2021 e 2022 respectivamente. Por outro lado, a taxa de desemprego feminina também reduziu de 9,1 % em 2020, para 8,1 e 8,0% nesse biênio. Apesar dessa visível queda, a reinserção desses trabalhadores no mercado de trabalho ainda vem ocorrendo de forma lenta, haja vista os antigos postos de trabalho que foram reassumidos e outros novos que foram criados desde a retomada das atividades.



Desse modo, se por um lado o “esforço” realizado pelo Estado tenha surtido um efeito positivo nesse índice, gerando uma redução nos níveis de desemprego existentes; por outro, o problema da desigualdade de gênero antes omitido por vários segmentos, se intensificou, demandando novas políticas por parte do Estado nesse sentido.

A persistência da violência de gênero, a sobrecarga de trabalho não remunerado e as disparidades salariais entre homens e mulheres funcionam como uma barreira à plena participação das mulheres nas economias, dificultam a superação de lacunas e atrasam a inovação e a criação de tecnologias mais diversificadas, ambientes de trabalho e estruturas produtivas com maiores níveis de complexidade e igualdade (CEPAL, 2019, p. 14).

Isto posto, ainda que a maioria desses países já estejam vivenciando uma nova fase de “recuperação”, a pandemia serviu para exacerbar antigos problemas históricos, como a inflação e a desigualdade social, que se intensificaram nesse espaço de tempo. O primeiro destes, por exemplo, prevalece determinando impactos diretos sobre o mercado de trabalho, através do aumento dos custos globais para as empresas; maior deterioração da renda real dos trabalhadores, reduzindo o seu poder de compra nesse momento “pós-pandemia”. De igual modo, a desigualdade social se manifesta de diversas formas, principalmente nessas fases de instabilidade, de maneira a enaltecer quão importante é a realização de mudanças estruturais internas, que possam reduzi-la (CEPAL, 2022a, 2022c).

Esses e outros desafios precisam ser enfrentados pelo setor público, para que essas economias voltem a crescer de forma menos desigual e menos excludente. De antemão, é urgente uma melhor gestão macroeconômica por parte do Estado, o que exigirá do mesmo um melhor planejamento e direcionamento dos gastos públicos, no sentido de torná-los mais eficientes e eficazes no atendimento das necessidades da população mais vulnerável dessa região. Em segundo lugar, deve-se realizar reformas na política fiscal, que possam aumentar a arrecadação do Estado; e na estrutura tributária (CEPAL, 2022c).

Isso poderá ajudar a combater a evasão e a elisão fiscais e os fluxos financeiros ilícitos e, assim, melhorar a arrecadação de impostos para os grupos que concentram os níveis mais altos de renda e riqueza por meio do imposto de renda de pessoas jurídicas e impostos sobre patrimônio e patrimônio, entre outros (CEPAL, 2017, p. 9).

Ademais, torna-se imprescindível dinamizar o investimento e a produtividade na indústria desses países, de maneira que seja possível criar novas e maiores

oportunidades de emprego, reduzir a informalidade e os altos níveis de desigualdade social e pobreza, e avançar na adoção de práticas sustentáveis que possam mitigar os impactos ambientais já causados nessa região. Por fim, não menos importante, são necessárias políticas públicas mais inovadoras nas áreas produtiva, financeira, comercial e social e na chamada economia do cuidado, no sentido de evitar uma nova década perdida como aquela observada no período 2014-2023 (CEPAL, 2022a).

Considerações finais

Em linhas gerais, ainda que não tenha discutido os impactos da pandemia em todos os setores, a síntese realizada neste ensaio apresentou um panorama geral da América Latina e do Caribe no período 2020-2022. Através desse esforço de síntese pôde-se observar como a crise criada pelo novo coronavírus impactou nessa região de maneira mais agressiva, haja vista as suas condições histórico-estruturais, que a coloca numa situação mais vulnerável, em comparação às demais.

Desse modo, inicialmente constatou-se que a região foi fortemente acometida pelo vírus, como foi possível observar no crescimento do número de óbitos que ocorreu nesse período, vindo a reduzir a sua magnitude após o início do processo de vacinação. Posteriormente, verificou-se uma queda no dinamismo econômico desses países, a partir de uma análise nos dados referentes ao comércio internacional, ingresso de investimento estrangeiro e no PIB. Estes, por sua vez, mostraram de que maneira essa mudança na conjuntura externa afetou o subdesenvolvimento dessa região, uma vez que se reduziu o valor das exportações realizadas, a entrada de empresas multinacionais em determinados setores, fazendo com que a soma dos bens e serviços produzidos reduzisse rapidamente, vindo a atingir no pico da pandemia (2020) uma queda de 6,8%. Nos anos seguintes, esses índices apresentaram sucessivos aumentos, porém em menor magnitude.

Ainda nessa segunda parte desse ensaio, notou-se que, por conta dessa situação de instabilidade no setor industrial, aumentou-se os índices de desemprego, inflação e pobreza da região. Nesse sentido, é válido mencionar que houve um aumento das desigualdades de gênero e do risco soberano desses países, o que traz consequências mais severas para as economias periféricas de fato nesse período e nos anos vindouros, impactando negativamente no seu processo de recuperação.

Isto posto, a CEPAL acredita que o planejamento de políticas públicas para esses países constitui hoje a principal estratégia a ser realizada por parte do Estado não só nesse momento, mas em outras fases, haja vista as suas potencialidades. Através dele será possível dirimir os impactos de longo prazo dessa crise e construir um futuro melhor para a população. Para tanto, faz-se necessário uma reorientação



dos gastos públicos, mudanças na política fiscal e pela criação de medidas direcionadas a estimularem a produção doméstica, o comércio internacional.

Essas e outras medidas propostas pela CEPAL nessas publicações citadas e em outras mais antigas apontam para a necessidade de se pensar novas ações para esses países na atual conjuntura, sendo estas lideradas pelo Estado. Isso enaltece a importância e a atualidade dos estudos realizados por essa Comissão, que, embora ainda receba críticas, mantém-se até os dias de hoje, na posição de principal Escola de Pensamento, capaz de analisar as questões estruturais e criar as condições que venham a promover desenvolvimento econômico latino-americano e caribenho.

Referências

ABRAMO, L.; CECCHINI, H.; ULLMANN, S. H. Enfrentando as desigualdades em saúde na América Latina: o papel da proteção social. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1587-1598, 2020.

ANTUNES, R. Proletariado digital, serviços e valor. *In: ANTUNES, R (org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida: o mosaico da exploração*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 15-23.

ARAÚJO, V. L. de. A economia brasileira sob o governo Bolsonaro (2019-2022): neoliberalismo radical e pragmatismo econômico. *Texto para Discussão sobre o Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-31, jul. 2023.

ASSIS, D. Home office promete ser um dos principais legados da pandemia do coronavírus. *In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. Pandemia e pandemônio no Brasil*. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020, p. 206-218.

BHATTACHARYA, A.; DOOLEY, M.; KHARAS, H.; TAYLOR, C. Financing a big investment push in emerging markets and developing countries for sustainable, resilient and inclusive recovery and growth. London: Grantham Research Institute on Climate Change, 2022.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. América Latina y el Caribe ante la pandemia del COVID-19: efectos económicos y sociales. Santiago de Chile: CEPAL, 2020a.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. La autonomía de las mujeres en escenarios económicos cambiantes. Santiago de Chile: CEPAL, 2019.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Balance Preliminar de las Economías de América Latina y el Caribe, 2022. Santiago de Chile: CEPAL, 2022a.



A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2022): Uma análise a partir das publicações da CEPAL

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Balance preliminar de las economías de América Latina y el Caribe, 2023. Santiago de Chile: CEPAL, 2023a.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Estrategia de Montevideo para la Implementación de la Agenda Regional de Género en el Marco del Desarrollo Sostenible hacia 2030. Santiago de Chile: CEPAL, 2017.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Estudio Económico de América Latina y el Caribe, 2022. Santiago de Chile: CEPAL, 2022b.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Estudio Económico de América Latina y el Caribe: dinámica laboral y políticas de empleo para una recuperación sostenible e inclusiva más allá de la crisis del COVID-19. Santiago de Chile: CEPAL, 2021a.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Estudio Económico de América Latina y el Caribe, 2023. El financiamiento de una transición sostenible: inversión para crecer y enfrentar el cambio climático. Santiago de Chile: CEPAL, 2023b.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. La inversión extranjera directa en América Latina y el Caribe. Santiago de Chile: CEPAL, 2021b.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. La inversión extranjera directa en América Latina y el Caribe, 2023. Santiago de Chile: CEPAL, 2023c.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. O Investimento Estrangeiro Direto na América Latina e no Caribe, 2020. Resumo executivo. Santiago de Chile: CEPAL, 2020b.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Observatorio COVID-19 de la CEPAL: un instrumento de apoyo para América Latina y el Caribe en tiempos de pandemia. Santiago de Chile: CEPAL, 2020c. Disponível em: : <https://www.cepal.org/pt-br/noticias/observatorio-covid-19-cepal-instrumento-apoio-america-latina-o-caribe-tempos-pandemia>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Panorama Social da América Latina e do Caribe. Resumo Executivo. Santiago de Chile: CEPAL, 2023d.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Panorama Social de América Latina 2021. Santiago de Chile: CEPAL, 2022c.



CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Perspectivas del comercio internacional de América Latina y el Caribe, 2022. Santiago de Chile: CEPAL, 2023e.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. Repercusiones en América Latina y el Caribe de la guerra en Ucrania: ¿cómo enfrentar esta nueva crisis?. Santiago de Chile: CEPAL, 2022d.

CEPAL - LA COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA. The sociodemographic impacts of the COVID-19 pandemic in Latin America and the Caribbean. Santiago de Chile: CEPAL, 2022e.

COVID-19: global tracker. Reuters, [S. l.], 15 jul. 2022. Disponível em: (<https://www.reuters.com/graphics/world-coronavirus-tracker-and-maps/pt/>). Acesso em: 5 mar. 2024.

MARTINS, N. M.; TORRES FILHO, E. T.; MACAHYBA, L. Os aspectos financeiros da crise do coronavírus no Brasil: uma análise minskyana. [Rio de Janeiro]: UFRJ, 2020. Discussion Paper, nº 013.

MELLO, G.; CONTI, B.; ROSSI, P. Estabilizando a taxa de câmbio em patamares competitivos: propostas para conter a volatilidade cambial de uma moeda periférica. In: LEITE, M. V. C (org.). Alternativas para o desenvolvimento brasileiro: novos horizontes para a mudança estrutural com igualdade. Santiago: CEPAL, 2019. p. 181-196.

OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo: Tendências, Genebra: OIT, 2021.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Painel de controle do Corona vírus da OMS (COVID-19). Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

PAHO - **PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION**. The prolongation of the health crisis and its impact on health, the economy and social development. Washington, DC: PAHO, 2021.

PAULA, L. F. A crise do coronavírus e as políticas contracíclicas no Brasil: uma avaliação. [Rio de Janeiro]: UFRJ, 2021. Discussion Paper, TD 016.

SEN-CROWE, B.; MCKENNEY, M.; ELKIBULI, A. Social distancing during the COVID-19 pandemic: staying home save lives. The American Journal of Emergency Medicine, Philadelphia, v. 38, n. 7, p. 1519-1520, Apr. 2020. Disponível em: [https://www.ajemjournal.com/article/S07356757\(20\)30221-7/fulltext](https://www.ajemjournal.com/article/S07356757(20)30221-7/fulltext) . Acesso em 6 nov. 2023.



TRECE, J. C. C. Pandemia de COVID-19 no Brasil: primeiros impactos sobre agregados macroeconômicos e comércio exterior. IPEA. Boletim de Economia e Política Internacional, Brasília, DF, n. 27, p. 1-20, maio/ago. 2020.

WERNECK, G.; CARVALHO, M. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, p. 1-4, 2020.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. Clinical management of severe acute respiratory infection (SARI) when Covid-19 disease is suspected. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications-detail/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. Number of COVID-19 cases reported to WHO. Genebra: WHO, 2024. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

WORLD BANK. Commodity markets. Washington, DC: World Bank, 2023. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets>. Acesso em: 23 out. 2023.

Notas

- ¹ Desde então, a implementação das chamadas “medidas de isolamento social” se fizeram constante, tais como: a suspensão de aulas presenciais, eventos, além do fechamento de lojas, restaurantes e bares, a fim de evitar aglomerações e, com isso, a diminuição do ritmo de contágio do vírus, passaram a ser utilizadas (Trece, 2019).
- ² De acordo com informações disponíveis no site do Banco Mundial, a referida crise pôde ser definida como a décima quarta recessão mundial dos últimos 150 anos, e a quarta mais forte deste período, ficando atrás apenas das recessões das duas guerras mundiais e da crise da Grande Depressão em 1929. No entanto, essa recessão apresentava características um tanto distintas, relacionadas aos riscos de contaminação e morte pelo novo vírus (World Bank, 2023).
- ³ Sobre a questão da precarização do trabalho, ver Antunes (2019); Assis (2020) dentre outros mais recentes.
- ⁴ Nesse grupo estão alguns trabalhos, como: Paula (2021) e Martins, Torres Filho e Macahyba (2020); etc.
- ⁵ A Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) foi criada no ano de 1948, com a tarefa de diagnosticar os problemas existentes na realidade socioeconômica dos países subdesenvolvidos, bem como sugerir políticas direcionadas à promoção do desenvolvimento econômico desses países no pós-guerra. Sob a liderança de Raúl Prebisch, os autores ligados à CEPAL, como: Celso Furtado, Aníbal Pinto, Fernando Fajnzylber dentre outros desenvolveram uma teoria do subdesenvolvimento periférico, baseada na relação centro-periferia, como forma de descrever as relações existentes entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. O documento que inaugura o pensamento cepalino tem como título; Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus problemas, e foi escrito por Prebisch em 1949, se tornando um verdadeiro manifesto dos países periféricos.



- 6 Com o intuito de apoiar os países da região em tempos de pandemia, em maio de 2020 foi criado o Observatório COVID-19 da CEPAL, para divulgar estudos, dados, análises e projeções futuras. Ele funciona como um instrumento de acompanhamento e monitoramento dos efeitos da crise gerada pelo coronavírus na região, no médio e longo prazo. Para maiores informações sobre, ver: CEPAL (2020c). Essas especificidades estão evidenciadas nas obras de diversos autores que compõem a CEPAL. As abordagens de Celso Furtado e Raul Prebisch, por exemplo, que discutem essas e outras questões estruturais que impactam no processo de desenvolvimento dessa região podem ser observadas no primeiro volume da obra Cinquenta anos de pensamento da CEPAL, organizada pelo economista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ricardo Bielschowsky, a qual traz uma coletânea de textos centrais das teses da CEPAL.
- 7 Essas especificidades estão evidenciadas nas obras de diversos autores que compõem a CEPAL. As abordagens de Celso Furtado e Raul Prebisch, por exemplo, que discutem essas e outras questões estruturais que impactam no processo de desenvolvimento dessa região podem ser observadas no primeiro volume da obra Cinquenta anos de pensamento da CEPAL, organizada pelo economista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ricardo Bielschowsky, a qual traz uma coletânea de textos centrais das teses da CEPAL.
- 8 De acordo informações do World Health Organization, até o presente momento, ocorreram no mundo 7.035.337 óbitos por Covid, enquanto que o número de casos confirmados chega a 774.771.942. Essa informação encontra-se disponível em: WHO (2024).
- 9 Em termos absolutos, até o mês de dezembro do ano de 2021 o Brasil era o segundo país do mundo com mais mortes por COVID-19 (618.817), depois dos Estados Unidos (816.742) (OMS, 2021). Segundo o Who, o número total de óbitos por COVID no Brasil, alcançou, em fevereiro de 2024, a marca de 702.116 óbitos.
- 10 Essa lentidão no processo de vacinação nessa região em evidência pode ser explicada por vários fatores, mas, sobretudo, pela monopolização da produção relativamente baixa de vacinas pelos países de alta renda e mais desenvolvidos, pelo alto preço das vacinas, e por outras questões internas (PAHO, 2021).
- 11 Segundo o Banco Mundial, a guerra provocou grandes perturbações no abastecimento de produtos básicos dos quais os países periféricos são os principais exportadores (energia, produtos agrícolas, fertilizantes e alguns metais, entre outros). Essas perturbações contribuíram para que se intensificassem as pressões de preços já existentes nos mercados de commodities após a recuperação da pandemia de COVID-19, gerando uma retomada da demanda global e limitação da oferta a partir de 2020. Para maiores informações, ver: World Bank (2023).
- 12 “Os investimentos mais afetados foram os dirigidos ao setor dos recursos naturais, que diminuíram 47,9% em relação a 2019, e orientadas às manufaturas (-37,8%). Os investimentos em serviços tiveram uma diminuição menor (-11,0%). Assim, quase a metade das entradas de IED em 2020 se dirigiu aos serviços e o peso das manufaturas ficou em 37%, valor inferior à média da última década (39%)”. É importante ressaltar devido a esse contexto desfavorável, a construção de novas instalações (filiais) de empresas transnacionais nas economias periféricas, bem como a abertura de filiais, deixou de ser atrativa aos interesses externos, dada a queda nas expectativas de retorno. “Em 2020 constatou-se um menor interesse das empresas estrangeiras em adquirir ou investir em empresas já existentes, bem como em anunciar novos investimentos. As fusões e aquisições transfronteiriças, que já tinham caído em 2019, diminuíram 21% em valor e totalizaram em torno de 26 bilhões de dólares, cifra levemente superior à registrada em 2009, após a crise financeira internacional. O número de acordos mostrou uma tendência à queda desde 2015, e em 2020, após uma queda interanual de 29%, chegou ao valor mais baixo desde 2005” (CEPAL, 2021c, p. 6).
- 13 O referido índice será apresentado e analisado ainda nessa seção do artigo, como forma de corroborar como esse índice é preponderante no momento em que grandes empresas multinacionais e, inclusive, bancos e outros organismos de fomento vão realizar investimentos ou oferecer empréstimos a outros países, nas páginas 13-14.

A Pandemia da Covid-19 e seus impactos econômicos e sociais na América Latina e no Caribe (2020-2022): Uma análise a partir das publicações da CEPAL

- ¹⁴ “Entre 2019 e 2022 o PIB brasileiro cresceu à taxa média anual de 1,4%, valor apenas um pouco superior à média da Zona do Euro (0,9% a.a.), e bem inferior à da China (4,8% a.a.)” (Araújo, 2023, p. 11). Para maiores informações sobre essa queda no PIB de cada país da região, ver os dados disponibilizados em: CEPAL (2022b).
- ¹⁵ “Ademais, as desigualdades de gênero se cruzam com as desigualdades étnicas e raciais e, portanto, são aprofundadas. Por exemplo, mais de 85% das mulheres indígenas na força de trabalho estão em trabalhos informais, vendendo artesanato ou trabalhando em áreas rurais, colocando-as em risco de não receber a ajuda financeira estabelecida pelos governos em resposta à emergência” (CEPAL, 2022e, p. 70).
- ¹⁶ Conforme a CEPAL (2022a): as moedas do Brasil, Chile, Colômbia e México depreciaram em média 22,9% no primeiro trimestre de 2020, antes de se fortalecerem 9,3% no quarto. Da mesma forma, o gourde haitiano – moeda-perdeu 16% de seu valor no segundo trimestre de 2020, antes de recuperar 39% no terceiro.
- ¹⁷ Em síntese, isso significa que o total de pessoas pobres na região chegou a 285 milhões no final de 2020, 28 milhões de pessoas a mais do que no ano anterior. Segundo o panorama social do ano de 2020, feito pela CEPAL, persistem as lacunas entre os grupos populacionais: a pobreza é maior nas áreas rurais, entre crianças e adolescentes; indígenas e afrodescendentes; e na população com menores níveis educativos.
- ¹⁸ Esse aumento é reflexo da crise socioeconômica, política, humanitária, e migratória que a Venezuela tem enfrentado nos últimos anos, a qual foi potencializada pela pandemia. Para maiores informações sobre essa crise, ver algumas publicações, disponibilizadas no site oficial da CEPAL: <https://www.cepal.org/pt-br>. Acessado em: 18 mar. 2024.

Recebido em: 12/01/2024
Aprovado em: 03/06/2024